

NOVAS VERSÕES PARA SETE POEMAS DE ALVARENGA PEIXOTO

– PROPOSTAS DE EMENDA À EDIÇÃO DE RODRIGUES LAPA

Como é sabido, Inácio José de Alvarenga Peixoto só publicou em vida três poemas, dois sonetos e uma lira. Toda a sua restante obra poética foi dada à luz postumamente, a partir de fontes manuscritas nem sempre identificadas e em edições que foram sendo sucessivamente melhoradas, num processo que culminou com a edição crítica de Rodrigues Lapa¹. Isto não significa, contudo, que se trate de uma trabalho definitivo, como aliás dificilmente o é uma edição crítica.

Em pesquisas que temos vindo a realizar em diversas bibliotecas sobre a literatura do Brasil dos séculos XVII e XVIII, lográmos descobrir novas fontes testemunhais manuscritas da obra de Alvarenga Peixoto, algumas das quais – pontualmente – parecem oferecer melhores soluções que as apresentadas por Lapa na sua edição. São os resultados do trabalho de colação entre estas novas fontes e a edição do estudioso português que iremos agora apresentar, de forma esquemática. As passagens dos poemas em causa serão transcritas de acordo com os critérios seguidos por Lapa, mas segundo a norma ortográfica portuguesa.

1. Cantata «Oh, que sonho, oh, que sonho eu tive nesta»

Trata-se da peça n.º 28 da edição de Lapa (p. 44-45). Descobrimos uma nova fonte testemunhal manuscrita que inclui esta composição: o Ms.

¹ *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, edição de M. Rodrigues Lapa; Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1960.

542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Trata-se de uma miscelânea poética, não datada e com o seguinte título: «Collecção / de varias obras poeticas / dedicadas / ás Pessoas de bom gosto / por / Henrique de Brederode». Nas p. 89-91, sob o título «Sonho Poetico» e atribuída a «Alvarenga», vem a cantata em causa. A única variante significativa face ao texto apurado por Rodrigues Lapa ocorre no v. 29: em lugar de *saudosas*, a nossa fonte regista *sonoras*. Vejamos a passagem do texto em que ocorre:

De inteiriço coral novo instrumento
as mãos lhe ocupa, enquanto ao doce aceno
das *sonoras* palhetas, que afinava,
Píndaro Americano assim cantava (v. 27-30).

Referido como está a um instrumento musical, supomos que o adjetivo que se adapta melhor ao contexto é o da nossa variante.

2. Ode «Invisíveis vapores»

Na mesma fonte referida no ponto anterior, entre as p. 91 e 96, vem esta «Ode do m.^{mo} A.». A nova versão manuscrita não apresenta variantes significativas relativamente ao texto de Lapa, que constitui a peça n.º 29 da sua edição (p. 46-50).

3. Ode «Não os heróis, que o gume ensanguentado»

É a peça n.º 14 da edição de Lapa (p. 17-19). Até ao momento não era conhecida nenhuma versão manuscrita identificada desta ode. A que nós lográmos identificar encontra-se nas p. 125-129 da miscelânea referida nos pontos anteriores, atribuída a «Alvarenga». Há seis passagens em que se evidenciam variantes significativas relativamente ao texto de Rodrigues Lapa.

A primeira diz respeito à epígrafe, ausente em Lapa, e que na nossa fonte consta do seguinte: *Ao Marquês de Pombal*.

A segunda ocorre no v. 58, que na lição de Lapa se lê deste modo: *e em vez de sustos, mortes e desmaios*, ao passo que a nossa fonte regista:

em vez da morte, sustos e desmaios. Antes de nos pronunciarmos sobre as duas lições, atentemos no contexto:

Os altos cedros, os copados pinhos
 não a conduzir raios,
vão romper pelo mar novos caminhos;
em vez da morte, sustos e desmaios,
 danos da natureza,
vão produzir e transportar riqueza (v. 55-60).

Como se pode observar, a lição da nossa fonte parece mais adequada, na medida em que a enumeração aparece aí mais sequenciada, configurando uma gradação descendente.

Outra variante ocorre no v. 75: em lugar de *pudessem*, a nossa fonte registra *puderem*. Pouco mais à frente, no v. 78, em vez de *tão* temos *e tão*. Vejamos o contexto:

Que importam tribunais e magistrados,
 asilos da inocência,
se *puderem* temer-se declarados
 patronos da insolência?
 De que servirão tantas
e tão saudáveis leis, sábias e santas,
 se, em vez de executadas,
forem por mãos sacrílegas frustradas? (v. 73-80)

Parece-nos que a lição da nossa fonte é preferível em ambas as situações. No primeiro caso, o imperfeito do conjuntivo revela-se inadequado, dado que a oração condicional em que surge integrado exprime, não uma condição irrealizável ou improvável, mas antes uma hipótese, uma eventualidade, circunstância que se adequa ao futuro e não ao imperfeito deste modo. Aliás, repare-se que, no v. 80, num contexto idêntico, é esse o tempo usado: *forem*. Quanto à variante do v. 78, note-se que ela, não comprometendo a métrica, assegura uma ligação mais normal ao adjectivo do verso anterior.

Em penúltimo lugar, temos a variante do v. 81, também respeitante a uma forma verbal: em vez do presente do indicativo *vives*, a nossa fonte registra o imperativo *vive*. Embora ambas nos pareçam admissíveis, a segunda talvez seja preferível. Vejamos o contexto:

Mas vive tu, que para o bem do mundo
sobre tudo vigias,
cansando o teu espírito profundo,
as noites e os dias (v. 81-84).

Em último lugar, temos uma divergência no v. 88: enquanto a lição de Lapa aposta no polissíndeto – *as leis e a guerra, e o negócio, e tudo?* –, a da nossa fonte opta pelo assíndeto: *as leis, a guerra, o negócio, e tudo?* Não nos parece possível invocar razões de ordem métrica ou estilística para preferir uma ou outra, pelo que ambas nos parecem admissíveis. Vejamos contudo o contexto:

Ah! quantas vezes, sem descanso uma hora,
vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
enquanto volves com cansado estudo
as leis, a guerra, o negócio, e tudo? (v. 85-88)

4. Soneto «Por mais que os alvos cornos curve a Lua»

Trata-se da peça n.º 7 da edição de Lapa (p. 7). Na mesma miscelânea manuscrita que vimos citando, este texto aparece na p. 130, atribuído a «Alvarenga». Há apenas uma variante significativa, respeitante ao v. 11: em vez de *rumorosas*, a nossa fonte regista *cavernosas*, que nos parece uma solução bem melhor. Vejamos então todo o primeiro terceto do poema:

Verás a Cíntia protestar o engano,
verás Tétis sumir-se envergonhada,
nas *cavernosas* grutas do oceano (v. 9-11).

Supomos que é bastante mais lógico qualificar as grutas como *cavernosas*, tanto mais que é a ideia de esconderijo que se pretende transmitir.

5. Soneto «A paz, a doce mãe das alegrias»

É a peça n.º 33 da edição de Lapa (p. 54). Na nossa miscelânea vem na p. 132 e passa a constituir a única fonte manuscrita conhecida do soneto.

Uma primeira diferença ocorre ao nível da epígrafe, ausente na edição de Lapa, e que a nossa fonte apresenta assim: *Feito pelo Doutor Inácio José d'Alvarenga, e junto aos autos e embargos da sua defesa, pelo crime imputado da sublevação de Minas*. A segunda variante respeita ao v. 5: em vez de *eternas*, a nossa fonte propõe *humanas*. Vejamos o contexto:

Desce, cumprindo *humanas* profecias,
a nova geração dos céus à terra;
o claustro virginal se desencerra,
nasce o filho de Deus, chega o Messias (v. 5-8).

Como se verifica, tanto do ponto de vista semântico como métrico, ambas as soluções são admissíveis.

6. Soneto «Eu não lastimo o próximo perigo»

Trata-se da peça n.º 32 da edição de Lapa (p. 53). Na fonte que vimos citando, o texto ocorre na p. 133. Para além desta fonte manuscrita, descobrimos uma outra: o códice 854 da Biblioteca Nacional de Lisboa, f. 58v. Este manuscrito constitui também uma miscelânea.

Neste caso, possuímos duas versões desconhecidas e o número e tipo de variantes é consideravelmente maior, razão por que optámos por transcrever na íntegra o soneto tal como foi publicado por Rodrigues Lapa, anotando depois em rodapé as variantes. À primeira versão (a do manuscrito de Évora) chamaremos *A*, e à segunda *B*. Neste caso não nos pronunciamos sobre a qualidade das variantes, na medida em que isso exigiria um trabalho mais complexo, que está fora dos propósitos deste artigo.

Eu não lastimo o próximo perigo,
uma escura prisão, estreita e forte;
lastimo os caros filhos, a consorte,
a perda irreparável de um amigo.

5 A prisão não lastimo, outra vez digo,
 nem o ver iminente o duro corte;
 que é ventura também achar a morte,
 quando a vida só serve de castigo.

10 Ah, quem já bem depressa acabar vira
este enredo, este sonho, esta químera,
que passa por verdade e é mentira!

Se filhos, se consorte não tivera,
e do amigo as virtudes possuía,
um momento de vida eu não quisera.

Epígrafe. Do mesmo, feito depois da prisão *A* Soneto que fez o réu Inácio José d'Alva-
renga, ouvindo ler a sentença e que o réu Doutor Cláudio Manuel da Costa, seu amigo,
se matara na prisão *B*

2. a estreita prisão, escura e forte; *B*
4. irreparável de um] inseparável dum *A*
7. que é ventura também] é ventura também *A* pois também é *B*
9. Ah, quão depressa então eu não sentira *A*
10. este enredo, este sonho] este sonho, este enredo *B*
11. e é mentira] e que é mentira *A*
12. Se filhos, se consorte] Se filhos e consorte *A* Se os filhos e consorte *B*
13. e do amigo as virtudes] se do amigo as virtudes *A* se as virtudes do amigo *B*
14. só de vida um momento não quisera *A* nem da vida um instante só quisera *B*

7. Soneto «Não me aflige do potro a viva quina»

É a peça n.º 31 da edição de Lapa (p. 52). Na miscelânea de Évora, ocorre na p. 134. Dado que se trata de um texto curto e há um número considerável de variantes, optámos, à semelhança do que fizemos para o texto anterior, por transcrever na íntegra a versão de Lapa, anotando em rodapé as variantes da nova fonte testemunhal. Também à semelhança do caso precedente, não nos pronunciaremos sobre a qualidade das variantes.

Não me aflige do potro a viva quina;
da férrea maça o golpe não me ofende;
sobre as chamas a mão se não estende;
não sofro do agulhete a ponta fina.

5 Grilhão pesado os passos não domina;
cruel arrocho a testa me não fende;
à força perna ou braço se não rende;
longa cadeia o colo não me inclina.

NOVAS VERSÕES PARA SETE POEMAS DE ALVARENGA PEIXOTO

10 Água e pomo faminto não procuro;
 grossa pedra não cansa a humanidade;
 a pássaro voraz eu não aturo.

 Estes males não sinto, é bem verdade;
 porém sinto outro mal inda mais duro:
 da consorte e dos filhos a saudade!

3. sobre as chamas] e sobre a chama

4. não] nem

9. pomo] pão

12. é bem verdade] isto é verdade

 Chega assim ao fim este nosso contributo para o melhoramento da edição da obra poética de Alvarenga Peixoto feita por Rodrigues Lapa. Esperemos que uma próxima edição possa integrar devidamente estas e outras achegas que venham a surgir.

Francisco Topa